



## II ENCONTRO PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ESCOLA MUNICIPAL BELO HORIZONTE  
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS  
19 A 22 DE JUNHO

### **CULTURA LÚDICA, RELAÇÕES DE GÊNERO E DESIGUALDADES: uma problematização (na e da) brincadeira com as crianças – exercícios de alteridade.**

Me. Bruno Silva Nigri; Centro Pedagógico (UFMG)  
E-mail de contato: bsnigri@gmail.com

#### **RESUMO**

O presente trabalho, mais do que um relato descritivo de um processo pedagógico, pode se configurar como um texto de inspiração ao exercício da docência que seja voltado ao reconhecimento de si e do outro, ou seja, um exercício pautado pela alteridade. O relato em questão refere-se a um trabalho de problematização das relações de gênero em aulas de Educação Física feito com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola da rede particular de Belo Horizonte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prática docente, Diversidade, Gênero, Brincar.

#### **INTRODUÇÃO**

É de um lugar muito desconfortável que se inicia este relato. Um desconforto que emerge a partir de dois movimentos: um da necessidade de exercício da docência (e cidadania) para a transformação social, e outro de ordem pessoal que remete aos reflexos do lugar que ocupo no mundo e da prática docente que exerço.

O primeiro movimento, o de transformação social, associa-se ao reconhecimento de uma necessidade de transformação das lógicas ainda hegemônicas da nossa sociedade, lógicas estas que (re)produzem inúmeras violências, grande parte delas frutos de processos de relações sociais desiguais. Estas lógicas promovem, em sua grande maioria, processos de exclusão e silenciamento de grupos menos favorecidos no jogo de poder da sociedade, dentre os quais destacam-se as mulheres. Já o segundo movimento, de ordem pessoal, refere-se ao lugar de privilégios que ocupo na sociedade, no caso, lugar de homem, que produz suas ações no meio social de uma posição onde o acesso a direitos básicos e o exercício pleno da cidadania acontece



## II ENCONTRO PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ESCOLA MUNICIPAL BELO HORIZONTE  
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS  
19 A 22 DE JUNHO

de modo muito mais facilitado do que o das mulheres. Neste sentido, como pode uma pessoa nesta condição se colocar frente aos desafios demandados por uma sociedade mais justa?

Deste processo de incomodidade que aqui partilho emergem questões tais como “o que podemos produzir como ações pedagógicas no sentido de se problematizar as desigualdades sociais na escola?”, ou “como um professor em uma situação de privilégio social, enquanto homem, pode se responsabilizar por processos pedagógicos que promovam o pensamento crítico acerca das desigualdades de gênero produzidas em nossa sociedade?”.

Este lugar de desconforto é, também, ambíguo e contraditório, e justamente por isso, acredito que ele possa carregar força motriz com potencial suficiente de revelar, estimular e produzir possibilidades outras de transformações no campo da educação.

E é acreditando nesta possibilidade e reconhecendo a urgente demanda de mudanças na lógica social, tendo em vista, principalmente, os atuais retrocessos nos direitos sociais em andamento no Brasil, que me coloco aqui como um interlocutor entre o conhecimento produzido por minha prática docente, no chão da escola, e os anseios de uma sociedade mais justa. Não trago aqui nenhuma pretensão em dar respostas a estes anseios, muito menos de apontar caminhos para a resolução destas complexas questões sociais. Espero sim, que este relato possa ser tomado como um exercício que inspire outros exercícios capazes de, no mínimo, problematizar nossas mazelas sociais.

Neste sentido, registro que a intencionalidade principal deste relato é descrever uma captura de minha prática docente, e, numa perspectiva paralela, demarco de modo simplificado como meus afetos e inconformidades como professor são provocados num exercício de alteridade.

### **As relações de gênero em questão – nosso projeto de trabalho**

O presente relato refere-se a um projeto de trabalho<sup>1</sup> desenvolvido com alunos do ensino fundamental em uma escola da rede particular de Belo Horizonte, no caso, o Colégio Diversitas, situado na região noroeste da cidade, onde fui professor de Educação Física por mais de uma década.

<sup>1</sup> A denominação “projetos de trabalho” aqui apresentada ressoa com a discussão apontada por HERNÁNDEZ (1998).



## II ENCONTRO PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ESCOLA MUNICIPAL BELO HORIZONTE  
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS  
19 A 22 DE JUNHO

Cabe registro aqui que a referida instituição tem como princípio estruturante em seu projeto político-pedagógico o reconhecimento e a valorização da diversidade presente no mundo, em especial, na sociedade brasileira. Neste sentido, muitos dos projetos e ações desta escola carregam a marca do acolhimento aos diferentes modos humanos de ser e estar no mundo.

Seguindo os princípios do projeto político-pedagógico da escola e, também de acordo com o planejamento de atividades da disciplina Educação Física<sup>2</sup>, no segundo semestre de 2015 foi implementada a execução do projeto de trabalho, articulando as relações de gênero e as brincadeiras.

Apesar de no cotidiano das nossas aulas as questões referentes às relações de gênero estarem em constante evidência e compondo frequentemente nossas pautas de problematização, a temática até então não tinha sido organizada como um elemento central e estruturante no trabalho com as crianças menores do ensino fundamental. Neste sentido, foi implementada essa intervenção com três turmas da escola, do 1º ao 3º ano do ensino fundamental.

O objetivo central foi encaminhar um processo de problematização de diferenças e desigualdades fluentes das relações de gênero, tomando as brincadeiras como o campo de atuação dos alunos onde as marcas destas relações se inscrevem.

O trabalho se desenvolveu por cerca de dois meses e foi composto por um conjunto de questionamentos norteadores, por uma diversidade de práticas componentes dos modos de brincar das crianças do colégio, ou seja, da cultura lúdica<sup>3</sup> local, e pela tentativa de elaboração de registros coletivos de práticas desta cultura lúdica, registros estes que de acordo com o planejamento inicial deveriam ser organizados e tipificados a partir das marcas de gênero.

Do ponto de vista das capturas do processo desenvolvido, consegui transformar o meu caderno de planejamento e registro das aulas em uma espécie de “diário de campo”, onde impressões pessoais e expressões compartilhadas foram ali cotidianamente lançadas.

<sup>2</sup> A organização curricular da Educação Física no Colégio Diversitas se orientava a partir da interlocução entre os diferentes campos de práticas corporais (esportes, danças, lutas, atividades de aventura, jogos e brincadeiras e ginástica) e alguns eixos articuladores (ética, diversidade, gênero, saúde, etc.).

<sup>3</sup> Esta noção de cultura lúdica se afina com a ideia apresentada por BROUGÈRE (2014), que se refere ao conjunto de procedimentos que permite um grupo tornar o jogo possível em seu contexto.



## II ENCONTRO PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ESCOLA MUNICIPAL BELO HORIZONTE  
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS  
19 A 22 DE JUNHO

No item<sup>4</sup> que segue do presente texto apresento uma narrativa que carrega em sua estética a potência de um olhar pessoal que registra a experiência<sup>5</sup> de um professor, que ocupa um lugar no mundo, e que ao exercer sua prática docente na intenção de promover transformações do contexto em que atua, ele também acolhe processos pessoais de transformação.

### **Da prática docente – um (possível) registro do processo**

*Professor: Pessoal, existe alguma separação ou diferença entre brincadeiras de meninas e meninos?*

*Crianças: Claro que não professor!*

*Professor: Como assim? Expliquem melhor isso.*

*Crianças: Não tem muito que explicar, qualquer um pode brincar de qualquer coisa.*

O diálogo acima reproduzido não se refere a um registro de uma situação real ocorrida no desenvolvimento do nosso projeto de trabalho aqui, o que não me permite afirmar que o seu conteúdo discursivo não tenha se revelado no decorrer do processo.

A diversidade fluente em diferentes dimensões do conhecimento partilhado no contexto escolar é, como anteriormente citado, um princípio que fundamenta e orienta as ações pedagógicas do Colégio Diversitas. Particularmente no caso da disciplina Educação Física, a diversidade como princípio fundante atua, em uma perspectiva direta, fornecendo subsídios para a organização curricular do conhecimento próprio de nossa área. Neste sentido, um olhar pela diversidade lançado ao currículo da Educação Física se traduz em práticas pedagógicas organizadas a partir de um amplo leque de práticas corporais produzidas pelos homens em suas diferentes sociedades, histórias e culturas. Diretamente, esta diversidade curricular se revela em nossa prática pedagógica a partir de eixos de conhecimento de práticas corporais como esportes, danças, atividades de aventura, ginástica, lutas e brincadeiras/jogos. Em uma perspectiva transversal, o princípio da diversidade nos auxilia a abordar os conhecimentos referentes às práticas corporais a partir de eixos articuladores como, por exemplo, a regionalidade, a religiosidade, a estética e, diretamente relacionado ao tema deste relato, as relações de gênero.

<sup>4</sup> O citado item é uma forma modificada de um texto que foi publicado em uma revista comemorativa, de circulação interna, do Colégio Diversitas.

<sup>5</sup> A experiência aqui citada refere-se à experiência problematizada em LAROSSA (2014), onde ela é algo que nos passa, nos acontece e nos transforma.



## II ENCONTRO PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ESCOLA MUNICIPAL BELO HORIZONTE  
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS  
19 A 22 DE JUNHO

O questionamento inicial do diálogo fictício apresentado foi o elemento detonador de uma problematização feita com os alunos das turmas do 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental. De acordo com os objetivos iniciais do processo idealizado, a pergunta – *“Existem diferenças entre brincadeiras de meninos e meninas?”* – serviria de base para o levantamento com as turmas de um “acervo” de jogos, brinquedos e brincadeiras referenciados nas diferenças de gênero. Este acervo seria nosso “campo de trabalho” no percurso das aulas a partir do qual emergiriam nossas problematizações. Um inocente engano do professor que aqui escreve...

A diversidade sendo um princípio desta escola pode ter gerado algumas invisibilidades e, por isso, ela pode ter sido uma força por mim subestimada ao fazer a escuta inicial das turmas. Claro, os alunos se apropriaram de alguma forma dos nossos (principalmente meus) discursos<sup>6</sup> em torno da relação diversidade/acesso/igualdade, desta forma, respostas em torno do sentido *“qualquer um pode brincar de qualquer coisa”* foram quase unânimes nas três turmas. Um dado que não poderia ser negligenciado. Mas uma coisa é o plano do discurso, outra é o campo prático, das ações.

Professor precisa sempre ser colocado no seu lugar, que definitivamente não é o do “detentor de conhecimento”. E quem melhor para assumir esta tarefa do que seus próprios alunos, não é? Recebida esta “rasteira” das crianças, a produção inicial do acervo de jogos, brinquedos e brincadeiras foi descartada, e com ela todo um planejamento de atividades e possibilidades de percursos para esta problematização. Após diversas e frustradas tentativas de “ouvir da boca das crianças” algo que apontasse diferenças de gênero associadas ao exercício da cultura lúdica, resolvi lançar aos meninos e meninas a seguinte pergunta: *“De acordo com o que vocês estão me falando, se todo mundo pode brincar de qualquer coisa, então o futebol é uma brincadeira para todos?”* A resposta, nas três turmas, foi um sonoro sim. E foi a partir daí que se desvelou um percurso de experiências, reproduções de relações hegemônicas e, claro, de muitos embates entre meninas e meninos no processo de apropriação de brincadeiras no espaço das aulas de Educação Física.

<sup>6</sup> Como citado anteriormente, a diversidade é um elemento trabalhado transversalmente em diferentes tempos e espaços na escola, desde a Educação Infantil. No caso, grande parte das crianças já eram alunos da escola desde pequenos.



## II ENCONTRO PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ESCOLA MUNICIPAL BELO HORIZONTE  
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS  
19 A 22 DE JUNHO

Assim, minha primeira proposta às crianças foi a realização de um jogo de futebol. *“Ora, futebol não é um jogo de todos? Se é, vamos jogar. Meninas contra meninos, e depois a gente conversa!”*.

Como se diz popularmente, “jogo é jogado e lambari é pescado”, mas neste caso eu não esperava outro resultado senão belas goleadas favoráveis aos meninos, algo em torno dos 18 a 0 em todas as turmas. Uma desigualdade que foi ponto chave para nossas aulas. Desde então nossos encontros foram pontuados a partir das desigualdades que se revelam na partilha de jogos e brincadeiras entre meninos e meninas, desigualdades também que se revelaram não somente entre as relações de gênero, mas, também, a partir de relações de poder entre crianças mais e menos habilidosas em práticas onde o desempenho atlético-desportivo é exigido<sup>7</sup>.

E, pontuando com as crianças as possibilidades de diferenças culturais de gênero juntamente com desigualdades que daí fluem, foram realizadas vivências/experimentações de diferentes jogos, brincadeiras e brinquedos, e dentre elas o futebol, que por ser uma prática social onde as “forças da masculinidade” se fazem mais presentes, tornou-se para nós um importante espaço de experiência e reflexão das desigualdades.

No conjunto de aulas fizemos diferentes formas de organização do jogo do futebol, formas estas que, em princípio, tinham o objetivo de desestruturar as relações de poder ali pré-estabelecidas. De um tradicional (e extremamente injusto) meninas contra meninos, partimos para jogos mistos sem e com uma proposta ética de inclusão de meninas (e dos menos hábeis) e, posteriormente, para jogos mistos com regras que favoreciam os menos habilidosos no jogo (em um deles só as meninas poderiam fazer gols).

Em contraponto ao futebol como um espaço-tempo de exercício de “masculinidades”, também tiveram espaço em nossas aulas outras formas culturais de brincadeiras, formas estas que não se produzem a partir das lógicas da algazarra, da correria e, especialmente da competitividade próprias de jogos de equipe. Neste sentido, brincadeiras como as cantigas de roda, o pular corda, o “brincar de casinha” e as lengalengas entraram compondo nosso leque de experiências associadas ao discurso de que estas seriam “brincadeiras de meninas”. Uma

<sup>7</sup> Deste jogo de poder revelam-se processos de legitimação e de exclusão pautados pela habilidade. Porém, nestes processos, registramos desigualdades a partir da marca de gênero. De acordo com Altmann (2015) *“Gênero é uma categoria relacional, vinculada também à habilidade corporal”* (p. 96).



## II ENCONTRO PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ESCOLA MUNICIPAL BELO HORIZONTE  
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS  
19 A 22 DE JUNHO

diferença culturalmente estabelecida que demarca fortes relações de gênero na produção das brincadeiras na infância. Estes discursos associados à cultura lúdica, juntamente com as falas dos alunos de que “todos podem brincar de tudo” compuseram, como importantes contradições, nossas experiências práticas e problematizações no processo.

Outro ponto importante ao qual foi dedicada atenção refere-se à apropriação dos espaços da escola<sup>8</sup>. Este também é marcado por relações de gênero, e observa-se isto não somente nas aulas de Educação Física, mas nos recreios e momentos de tempo livre das crianças. Desta forma, percebemos claramente que a quadra (e com ela o futebol) é um espaço de uso quase exclusivo dos meninos, ao passo que as meninas se apropriam dos espaços periféricos. Preferência de meninos, meninas às margens...

Como diz o professor José Alfredo Debortoli<sup>9</sup>, nas brincadeiras se aprendem conceitos, preconceitos e valores, que nelas são expressas nossas múltiplas belezas, também como, as nossas mais sutis e grotescas mazelas sociais. E foi nesta perspectiva, compreendendo que o brincar não é um espaço-tempo inocente, estéril, puro, que se fez importante para a nossa problematização a desestruturação/inversão de alguns valores que insistentemente se reproduzem nas brincadeiras de nossos alunos. Um recurso metodológico que, na maioria das vezes, não trouxe a tão esperada satisfação pessoal na prática das aulas de Educação Física. Experiências capazes de deslocar cada um de seu lugar de menino ou menina, de bom ou ruim de bola, de dono ou não-dono da quadra, de sabedor ou não-sabedor da brincadeira.

No futebol misto com regras somente as meninas poderiam fazer gols – “*Mas como? Elas não sabem, Bruno!*” – reclamaram alguns meninos indignados. Os meninos tinham a função de “armar as jogadas” e, com isto, obrigatoriamente tocar a bola para as meninas. Elas agora não podiam mais ficar às margens do jogo se escondendo da bola. Tinham que chutar a bola, entrar em divididas! Eles tinham que mudar sua forma de jogar (tocando a bola), e elas também (jogando o jogo). Será que alguém saiu satisfeito desta aula?

<sup>8</sup> ALTMANN (2015) aponta importantes questões acerca do uso generificado dos espaços escolares. A pesquisadora traz estudos feitos por WENETZ (2005), THORNE (1993), GRUGEON (1995) e VAGO (1993). Em todos os trabalhos a ocupação dos espaços abertos é prioritariamente masculina, e a intensidade da experiência de movimento é consideravelmente maior dos meninos do que das meninas.

<sup>9</sup> DEBORTOLI (2002).



## II ENCONTRO PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ESCOLA MUNICIPAL BELO HORIZONTE  
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS  
19 A 22 DE JUNHO

Um dia eu trouxe para as turmas um jogo, que é também uma modalidade esportiva, que não é praticado entre categorias masculino e feminino. O Corfebol é um jogo originado na Holanda que têm suas regras construídas para que seja um jogo misto. Neste jogo, menina só toca bola para menino e vice-versa, se alguém fizer o contrário é falta. Aprendizagem complicada, mas deu tudo certo. As turmas se apropriaram do jogo e gostaram! Apesar de, até as nossas últimas partidas, presenciar alguns meninos tocando bola para os outros meninos da sua equipe... aí é falta.

Em uma aula eu pedi que os alunos trouxessem bonecos ou bonecas de casa para que fizéssemos uma grande brincadeira de faz-de-conta. As meninas organizavam seus espaços de brincadeira, mais concentradas, criando enredos e histórias tematizadas no cuidado, família. Já os meninos, em sua maioria agitados, corriam para todos os lados, jogando seus brinquedos ao ar, atrapalhando/competindo com as meninas (e esta era uma de suas brincadeiras), “soltando poderes”, lutando. E as crianças continuavam afirmando que não havia separação.

Em outra aula as meninas ficaram com a quadra só para elas, para jogar futebol – “*que hora vamos trocar, Bruno?*”, logo perguntou um menino. “*Hora nenhuma*”, respondi – Adivinha quem ficou bravo? Os meninos poderiam utilizar os espaços marginais para brincar de corda, casinha, cantigas... inversão de “brincades” por gênero. Um fiasco esta aula! O jogo das meninas não durou nem a metade do tempo que elas usaram para organizá-lo, ao passo que os poucos meninos que seguiram a instrução dada, rapidamente se juntaram ao grupo dos “indignados”, à beira da quadra, arbitrando o jogo das meninas e, eventualmente chutando a bola que vinha em sua direção. Ao mesmo tempo em que cada uma das meninas ia deixando o campo de jogo, os meninos na lateral iam pedindo (claro, sem o professor deixar ver que estava vendo) para entrar no lugar das que estavam saindo. Substituição!

Pois bem, foram de diferentes ordens as experiências vividas pelos alunos. Destas experiências (das quais uma boa parte não foi lá tão prazerosa) emergiram muitos debates, embates e conflitos. As diferenças existem. Na produção da cultura lúdica, nos jogos, brinquedos e brincadeiras as marcas de gênero também se revelam dimensionadas entre diversidades e violências. Reconheço e acho digna a diversidade entre as brincadeiras de meninos e meninas e, da mesma forma, valorizo as trocas que existem entre ambos, as inversões (se é que assim posso dizer) que ocasionalmente se operam. Só não admito a perversidade das





## II ENCONTRO PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ESCOLA MUNICIPAL BELO HORIZONTE  
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS  
19 A 22 DE JUNHO

desigualdades que eventualmente fluem da relação entre meninas e meninos. Diversidade sim, desigualdade não.

Para mim, como professor desta escola, foi sempre<sup>10</sup> uma satisfação sem precedentes quando via algumas pingadas iniciativas de meninos no recreio brincando de “batom”, “lenga a lenga”, “quaquadela”, e meninas pleiteando o uso da quadra para a prática do futebol. Após o término das atividades do referido projeto de trabalho, estas ações deixaram de ser visualizadas com a mesma frequência em que eram quando era realizada a problematização com as turmas. Isto não me incomoda. Não tenho a arrogância de querer sozinho mudar a ordem social, mas tenho o desejo que estas mudanças, por menores que elas sejam, se concretizem. Acredito que possam ficar nas crianças as marcas desta experiência, do mesmo modo como em mim ficaram (como prova disso, cá estou eu relatando um processo realizado a quatro anos atrás), e que estas marcas sirvam de ponto de partida para transformações. E depois de tudo, somente uma coisa me deixou intrigado. Muito intrigado mesmo! Ao ser questionadas pela pergunta inicial do projeto, as crianças continuaram falando que as brincadeiras de meninos e meninas são iguais, que todo mundo pode brincar de qualquer coisa... O que será que não entendi?

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pela produção de processos educativos que reconheçam a diversidade presente nas relações sociais, é algo que devemos cuidar para que ela não se perca nos horizontes da prática docente. Acredito que devemos nos atentar para que este elemento tenha sua presença garantida no cotidiano escolar.

Nós professores somos, do mesmo modo que nossos alunos, pessoas que carregam suas marcas de exclusões e de privilégios (ou de ambas) experienciadas nos processos de inserção no mundo social. Diante disso, acredito que para que a docência seja exercida por uma ética da diversidade, nós professores devemos nos mover no sentido do conhecimento de si e do outro, um exercício de alteridade. O projeto de trabalho aqui relatado pode ser reconhecido como um exercício de alteridade. Um exercício que movimenta o reconhecimento dos alunos entre si, que movimenta.

<sup>10</sup> Trabalhei nesta escola até meados de 2018.



## II ENCONTRO PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ESCOLA MUNICIPAL BELO HORIZONTE  
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS  
19 A 22 DE JUNHO

o reconhecimento do professor enquanto membro da sociedade, e que movimentam o reconhecimento do exercício da docência como um exercício de alteridade.

Das questões e situações aqui apresentadas e descritas, acho que não posso levantar muitas conclusões além desta, onde a importância do olhar do docente à diversidade, pautado pela alteridade, é um movimento essencial à produção de uma educação, e uma Educação Física, justa para todos. Mesmo que, como apresentado pelos alunos, dissonâncias entre discursos e práticas sejam recorrentes, não podemos nos furtar de estimular (e também nos questionar) problematizações na direção de minimizá-las, e no sentido de indagar as lógicas sociais.

### REFERÊNCIAS:

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Editora Cortez; Coleção educação e saúde, v. 11, 2015.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014. p. 19-32.

DEBORTOLI, José Alfredo O. As crianças e a brincadeira. In: CARVALHO, Alysson; SALLES Fátima; GUIMARÃES Marília. (Orgs.). **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Proex – UFMG, 2002. p. 73-88.

GRUGEON, Elisabeth. Implicaciones del género em la cultura del pátio de recreo. In: WOODS, Peter; HAMMERLEY, Martyn (Ed.). **Género, cultura y etnia el la escuela: informes etnográficos**. Barcelona: Ministerio de Educación y Ciencia, 1995, 23-47.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LAROSSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

THORNE, Barrie. **Gender play: girls and boys in school**. New Jersey: Rutgers University Press, 1993. 237 p.

WENETZ, Ileana. **Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – UFRGS, Porto Alegre, 2005.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Das escrituras à escola pública: a educação física nas séries iniciais do 1º grau**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMG, Belo Horizonte, 1993.